

# ★ BREVÍSSIMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE SOFRIMENTO E TEATRO NEGRO<sup>1</sup>

Gustavo Melo Cerqueira

Babalorixá, artista da cena e da presença e defensor dos direitos humanos. Doutor em Estudos Africanos e da Diáspora Africana pela Universidade do Texas, em Austin, EUA. Pesquisa sobre as presenças e representações dos corpos negros nas artes a partir de uma abordagem interdisciplinar. É um dos cofundadores da Pele Negra – Escola de Teatro(s) Preto(s), onde atua como um dos coordenadores gerais e facilitador pedagógico.

**Resumo:** Este texto tece considerações sobre a relação entre sofrimento e teatro negro. Partindo da ideia de despertar proposta por Christina Sharpe (2016) enquanto conscientização de que vivemos em um mundo regido pela antinegitude, e trazendo uma breve análise bibliográfica, o autor argumenta que o sofrimento é o lamaçal de onde podem surgir interessantes proposições artísticas. Longe de defender a estetização, representação ou reprodução do sofrimento negro em cena, o autor propõe, na esteira de diversos outros autores que, sendo a antinegitude um elemento estrutural da modernidade, a ponto de a humanidade ganhar seus contornos modernos a partir de um conjunto de artifícios que vão inventar ou re-inventar corpos racializados, estabelecer hierarquia entre esses corpos e monumentalizar um dado corpo como o “paradigma do humano” (MARTINS, 1995, p. 144), é também verdade que esse mesmo corpo racializado possa confrontar, tensionar e desnaturalizar dimensões caras à modernidade, tais como as noções de tempo e espaço, linguagem, lógica, realidade e conhecimento, por exemplo, sem com isso querer disputar sua inclusão nos confins do humano.

**Palavras-chave:** teatros negros; corpo negro; humanidade.

## VERY BRIEF CONSIDERATIONS ON SUFFERING AND BLACK THEATER

**Abstract:** This text considers the relationship between suffering and black theater. Starting from the idea of the wake proposed by Christina Sharpe (2016) as awareness that we live in a world governed by anti-blackness, and bringing a brief bibliographical analysis, the author argues that suffering is the swamp from which interesting artistic propositions can emerge. Far from defending the aestheticization, representation or reproduction of black suffering on stage, the author proposes, following several other authors, that, since anti-blackness is a structural element of modernity, to the point that humanity gains its modern contours from a set of of artifices that will invent or re-invent racialized bodies, establish hierarchy between these bodies and monumentalize a given body as the “paradigm of the human” (MARTINS, 1995, p. 144), it is also true that this same racialized body can confront, tension and denaturalize dimensions dear to modernity, such as the notions of time and space, language, logic, reality and knowledge, for example, without wanting to dispute their inclusion in the confines of the human.

**Keywords:** black theaters; black body; humanity.

Sinto bastante resistência em trazer a questão do sofrimento para a discussão sobre a arte, sobretudo em relação à arte negra produzida atualmente. Assim, vou me dedicar nesse artigo a tecer brevíssimas considerações sobre a relação que, creio, é indissociável entre sofrimento e teatro negro, argumentando, ainda, que o sofrimento é o lamaçal de onde podem surgir interessantes proposições artísticas.

Algumas referências bibliográficas me ajudam a expressar meu interesse na dimensão do sofrimento e minha crença no seu potencial transformador pessoal, social e político, sobretudo no campo das artes da performance. Começo, então, pelo trecho de um livro, que nos afirma o seguinte:

Os contínuos assassinatos legais e extralegais de pessoas negras, sancionados pelo Estado, são normativos e, para esta assim chamada democracia, necessários; é o chão sobre o qual pisamos. Esse mesmo chão determina isso e, talvez, como podemos viver em relação a essa demanda pela nossa morte. Que tipos de possibilidades de ruptura podem ser abertas? O que acontece se procedermos como se soubéssemos que isso, a antinegitude, é o terreno no qual estamos, o terreno a partir do qual tentamos falar, por exemplo, um ‘eu’ ou ‘nós’ que sabemos, um ‘eu’ ou ‘nós’ que se importa?” (SHARPE, 2016, p. 7).<sup>2</sup>

Lendo o fragmento acima, pode parecer que estamos falando do Brasil, muito embora o texto tenha sido escrito para falar dos Estados Unidos, por uma escritora negra estadunidense. Porém, a situação de violência a que está exposta a população negra no Brasil, seja por ação ou omissão do Estado, mais frequentemente de maneira gratuita e contínua, me levou a considerar pertinente o uso desse trecho da obra de Christine Sharpe para iniciar uma conversa sobre essa ideia de “poéticas que emergem do sofrimento”.

A mim interessa trazer o trecho da obra dessa

acadêmica estadunidense negra porque ela propõe esse despertar, seja num plano pragmático ou num plano especulativo, de que vivemos em um mundo antinegro. Mais ainda, interessa pensar nas possibilidades de formulação de modos de existir em relação a, ou a despeito de, tal condição de morte – por vezes até espetacularizada – que nos é imposta.

E aqui, me nego a trazer as evidências de como a morte nos é, a nós negros e negras, rotineiramente imposta. Para além de diversos trabalhos acadêmicos que falam desse assunto, dos dados disponíveis em inúmeros institutos de pesquisa, das reivindicações apresentadas continuamente por diversos movimentos sociais negros, há também a nossa própria sensação de proximidade, quase intimidade com a morte. Some-se a isso o modo como – independentemente de onde moremos, de nosso grau de instrução, de nosso poder aquisitivo – estamos sujeitos, cotidianamente, a sermos identificados ou sobredeterminados, como já disse Frantz Fanon (2008), como aqueles corpos que sofrem (ou que devem sofrer) essa violência gratuita e contínua. Estamos sim, negros e negras, sujeitos a essa mesma violência, basta que se engendre a circunstância adequada. E me nego, novamente, a trazer as evidências quanto a isso porque, como ensina a sabedoria popular, “só não vê quem não quer”.

Mas, há ainda mais que não se quer ver. Existe, ainda, a negação, em parte numerosa da população não negra – e, até mesmo, em grande parte da população negra – em reconhecer, perceber ou ler o sofrimento quando esse repousa sobre o corpo negro. E aqui vale notar que a negação ou resistência em perceber o sofrimento quando situado no corpo negro, ou a tendência em delimitar esse sofrimento como um sofrimento **negro**, circunscrito a negros e negras, tem relação direta com a própria percepção de humanidade no corpo negro. Dentre tantos estudiosos, esse argumento é sustentado também por uma acadêmica não negra e estadunidense, Robin Bernstein, em seu livro *Racial Innocence: Performing American Childhood from Slavery to Civil Rights* (2011). Bernstein argumenta

que a dor, e a alegada habilidade de sentir ou não sentir a dor, funcionou, em meados do século XIX, como um divisor para distintas trajetórias destinadas às crianças brancas e às crianças negras. Ainda, a autora argumenta que, no processo de estabelecer uma diferenciação racial entre meninas brancas e meninas negras, as primeiras se encaixavam num ideal de infância e inocência pela assunção de sua capacidade de sofrer e sentir dor, enquanto que as crianças negras não eram vistas como as que se alinhavam com essas características, por conta das imagens e representações que eram construídas em relação às crianças negras, sobretudo quando reforçadas por jogos, brincadeiras e representações gráficas que sugeriam que as crianças negras eram imunes à dor. Tal distinção tinha, também, fortes consequências políticas pois, conforme argumenta a autora, “o que estava em jogo nessa divisão era a adequação à cidadania e a inclusão na categoria de criança e, finalmente, de humano” (BERNSTEIN, 2011, p. 36). Pode-se concluir que a autora sugere uma certa conexão entre as noções de humanidade, sofrimento e política.

Se pensarmos nos dias atuais, em que o assassinato, atribuído ao extremismo religioso, de 12 jornalistas, homens e não negros – eram quase todos brancos – na sede de um jornal, na cidade de Paris, na França, em 2015<sup>3</sup>, provocou comoção mundial, enquanto que o sequestro atribuído ao extremismo religioso, de 276 crianças e adolescentes negras (elas tinham entre seis e oito anos de idade) no norte da Nigéria, muitas das quais foram estupradas e mortas, em 2014<sup>4</sup>, não recebeu nem a mesma atenção, nem provocou tamanha comoção, é de se questionar se a resistência em se reconhecer o sofrimento no corpo negro é reveladora do modo como ainda se resiste, também, em reconhecer a humanidade em nossos corpos.

Ao falar da relação entre sofrimento e humanidade, e de como isso implica na nossa política – aí incluída a nossa arte política ou a dimensão política da arte que produzimos – importante trazer algumas considerações do acadêmico negro estadu-

nidense Frank Wilderson (2010), que apresenta dois importantes argumentos para o que estou aqui expondo. O primeiro argumento é de que a escravidão moderna transatlântica de corpos negros estabeleceu um divisor entre quem é humano e quem não é. Não se está aqui a falar de humano ou humanidade em termos absolutos. Não. Aqui interessa entender que a noção de humanidade ganha seus contornos modernos a partir de um conjunto de artifícios materiais, simbólicos e sensoriais que vão inventar ou reinventar corpos racializados, estabelecer hierarquias entre esses corpos e vão monumentalizar um dado corpo como, nas palavras da pesquisadora negra brasileira Leda Maria Martins, o “paradigma do humano” (1995, p. 144). Um dos recursos básicos desse conjunto de artifícios está, justamente, na escravidão dos corpos negros.

Mas, como alerta Wilderson, é importante pensarmos a escravidão não a partir da categoria trabalho, muito embora o trabalho forçado tenha sido um elemento recorrente na escravidão de corpos negros. Wilderson vai argumentar, com base nos estudos do sociólogo negro estadunidense Orlando Patterson (1985), que o trabalho forçado é elemento contingente, e não constitutivo, da escravidão. Nessa perspectiva, e de forma perigosamente resumida, podemos dizer que é na redução (ou na tentativa de redução) do corpo negro ao nível de objeto – sobretudo através do não reconhecimento social de sua honra e seus vínculos familiares, e da imposição de violência contínua e gratuita – que está o principal aspecto da escravidão. Mais ainda, precisamos pensar se os artifícios materiais, simbólicos e sensoriais que tentaram nos reduzir a objeto ainda estão em vigor, com diferentes roupagens, fazendo com que estejamos vivendo naquilo que a acadêmica negra estadunidense Saidiya Hartman (2008) vai chamar de *after-life of slavery* [pós-vida da escravidão], em que estamos sujeitos, ainda, aos elementos caracterizadores da escravidão. Ressalta-se a persistência na violência gratuita e contínua – por parte tanto do Estado como da sociedade civil – como recurso recor-

rente para objetificação os nossos corpos e para tornar possível os contornos modernos da noção de humanidade, materializados no corpo branco masculino.

Importante observar, como argumenta a acadêmica não negra estadunidense Amelia Jones (1998), o papel desempenhado pelas artes – sobretudo as artes visuais e as artes da cena – no aprofundamento de noções como identidade, subjetividade e individualidade ao utilizar representações de corpos negros e corpos femininos como elementos de contra distinção para o estabelecimento do que Leda Maria Martins chamaria de “ego narcísico branco” (1995, p. 41). Em se tratando mais especificamente do corpo negro, para além de tornar possível o corpo branco enquanto o corpo normativamente humano, Wilderson argumenta que a modernidade se funda e se mantém por meio da simbólica, ontológica e, também, material morte negra. E, aqui, adicionaria, não se trata apenas da morte material e espetacularizada, mas, também, de outras variáveis como, por exemplo, da morte epistêmica, termo que se tornou corrente para se referir ao não reconhecimento do conhecimento advindo dos saberes negros. Considerando essa nossa posicionalidade negra, Wilderson vai argumentar que nosso sofrimento não se constitui da mesma matéria-prima do sofrimento “humano”, mas, sim, do sofrimento de quem é posicionado como objeto, que vai ter elementos constitutivos de seu sofrimento relacionados à sua condição ou ao seu posicionamento na modernidade, enquanto objeto.

O acadêmico negro estadunidense Fred Moten (2003) abre e conclui o seu livro *In the Break: The Aesthetics of Black Radical Tradition* [Na fenda: a estética da tradição radical negra] com o título “*Resistance of the Object*” [Resistência do objeto]. Por caminhos distintos e até contrários aos apresentados por Wilderson, e por meio de certa confrontação a Karl Marx, Moten contraria a ideia de que a *commodity* não fala. Mais, ainda, o autor vai explorar as possibilidades aurais, sonoras, de ruptura dos discursos sobre o objeto, focando sua análise

no jazz negro estadunidense, não sem antes afirmar que existe uma “pulsão de liberdade [*freedom drive*] que anima as performances negras” (2003, p. 12). Aliás, com relação à própria ideia de performance, Moten irá discorrer um pouco, considerando sua ontologia como indissociável de certa simultaneidade entre desaparecimento e reprodução, sobretudo no que tange ao sofrimento negro.

Sendo ou não possível evitar a reprodução do sofrimento, considero tolice tentar ignorar sua imanência na cena negra, sendo que talvez seja por sua existência que também se percebe a pulsão de liberdade que irá animar essas mesmas performances. Mas, vejam que não há, aqui, um advogar pela reprodução e representação do sofrimento. Não é disso que se trata. Ainda, não se defende, aqui, o uso desse sofrimento para buscar empatia de quem não consegue ler o sofrimento no corpo negro. Ao contrário, pensar que a objetificação e o não reconhecimento de humanidade podem estar na constituição desse sofrimento negro, pode, também, nos levar não a investir em mil e uma estratégias e peripécias para angariar empatia, tornar legível o sofrimento em corpos negros e tentar convencer quem nos assiste de que somos humanos. Longe disso! Pode ser mais interessante pensar como, em sendo um corpo simbolicamente objetificado e mortificado tido como necessário ao próprio sustento da modernidade, esse mesmo corpo possa confrontar, tensionar e desnaturalizar dimensões caras à modernidade, tais como as noções de tempo e espaço, linguagem, lógica, realidade e conhecimento, por exemplo, sem com isso querer disputar sua inclusão nos confins do humano. É nesse sentido que se propõe uma maior atenção às poéticas negras que emergem do sofrimento. No que tange ao teatro negro, por exemplo, em que algumas características se tornaram recorrentes como, por exemplo, afirmação de identidade racial e cultural, discurso antirracista e produção de personagens fictícias ou de narrativas biográficas que privilegiem as dimensões humanas da pessoa negra, perceber as construções políticas e ideológicas

do humano a ponto de, talvez, delas abrir mão, no campo da experimentação artística, pode ser libertador e pode prover a própria política negra de uma dose de imaginação e criatividade, e mesmo de radicalismo, que talvez nos estejam fazendo falta.

#### Referências

- BERNSTEIN, R. **Racial Innocence**: Performing American Childhood from Slavery to Civil Rights. New York: NYU Press, 2011.
- FANON, F. **Black Skin, White Masks**. California: Publishers Group West, 2008.
- HARTMAN, S. **Lose Your Mother**: A Journey Along the Atlantic Slave Route. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2008.
- JONES, A. **Body Art/ Performing the Subject**. Minnesota: University of Minnesota Press, 1998.
- MARTINS, L. M. **A cena em sombras**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- MOTEN, F. In **The Break**: The Aesthetics of The Black Radical Tradition. Minnesota: University of Minnesota Press, 2003.
- SHARPE, C. **In the Wake**: On Blackness and Being. Durham: Duke University Press, 2016.
- WILDERSON, F. B. **Red, White & Black**: Cinema and the Structure of US Antagonisms. Durham: Duke University Press, 2010.

#### Notas

- 1 Este artigo tem por base fala apresentada no Congresso Virtual UFBA 2020, sob o título “Peço agô para falar de sofrimento”, como parte da mesa “Corpo de-humanizado/de-humanizante: poéticas negras que emergem do sofrimento”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AilMpY1FwYc&t=1004s>>. Acesso em: 08 maio 2023.
- 2 “The ongoing state-sanctioned legal and extralegal murders of Black people are normative and, for this so-called democracy, necessary; it is the ground we walk on. And that it is that ground lays out that, and perhaps how, we might live in relation to this requirement for our death. What kinds of possibilities for rupture might be opened up? What happens if we proceed as if we *know* this, antiblackness, to be the ground on which we stand, the ground from which we attempt to speak, for instance, an ‘I’ or ‘we’ who know, an ‘I’ or ‘we’ who care?” (SHARPE, 2016, p. 7),
- 3 “A Nigéria abre negociações com o Boko Haram para a libertação das jovens”. *El País Brasil*. 13 de maio de 2014. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/07/internacional/1420650416\\_184865.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/07/internacional/1420650416_184865.html)>. Acesso em: 08 maio 2023.
- 4 “Milhares vão às ruas na França para protestar contra ataque a semanário”. *El País Brasil*. 8 de janeiro de 2015. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/13/internacional/1399974595\\_837854.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/13/internacional/1399974595_837854.html)>. Acesso em: 08 maio 2023.

Recebido em 09 de maio de 2023.

Aprovado em 09 de julho de 2023.

Publicado em 14 de agosto de 2023.